

Rã e samba exaltação: Jason Kohn *Manda Bala* na alegorização da violência no Brasil e falta de ética no documentário

Hudson Moura



A primeira impressão que temos após assistir o filme *Manda Bala* (*Send a Bullet*) é de que foi realizado por um estrangeiro. No entanto, Jason Kohn, 28 anos, apesar de se considerar como um judeu Nova Iorquino, é filho de brasileira com argentino, este último morador de São Paulo há mais de sete anos. Falar português, ele não fala, preferiu dar esta entrevista em inglês, apesar de compreender um pouco a língua natal de sua mãe. *Manda Bala* é seu primeiro filme e levou cinco anos para ser concluído. Antes ele havia trabalhado com o famoso documentarista americano Errol Morris (*The Thin Blue Line*) conhecido por ter adotado certas técnicas da narrativa ficcional no documentário, tornando-o assim tão atraente e enigmático quanto um filme de entretenimento. Aliás, este é um dos objetivos de *Manda Bala*, admitiu o diretor.

Mas, o que incomoda em *Manda Bala* é o seu tom irônico, a abundância de clichês sobre a terra brasilis e, as contradições das informações apresentadas no filme. Na visão de Kohn, todos os males sociais brasileiros são facilmente

explicados, e ele mostra o porquê de tanta violência urbana e segregação social: a corrupção política, que se tornou parte da cultura local. Um problema, segundo ele, negligenciado pelo povo e por uma sociedade injusta e ainda mal discutido na mídia e no cinema nacional.

E, como a corrupção integra a cultura brasileira, a “culpa” é de toda a nação e não somente dos políticos e governantes. Nesta roleta russa ninguém escapa na visão do diretor e tudo pode se tornar alvo à ironia e ao sarcasmo. A alegoria no filme vem através da música, principalmente sambas-exaltação e batucadas à la Jorge Ben dos anos 60 e 70, que em descompasso com as imagens gera um segundo discurso. Este muitas vezes é ainda mais provocador e crítico sobre os fatos narrados.



Tudo é potencializado por um “tom” que o próprio diretor me definiu como “impressionista”. Para tal Kohn utiliza uma imagem ímpar de um escândalo envolvendo o senador Jader Barbalho: um ranário. A criação de rãs se torna ponto de referência e análise da situação brasileira. Como um país miserável e atrasado como o Brasil, pode se tornar num dos maiores exportadores de rãs do mundo? Um animal sui generis, que se transforma em prato exótico

nos restaurantes do primeiro mundo e, que na falta de alimentação, é capaz de comer a própria espécie. De um escândalo a outro, ou de uma contradição à outra, o diretor remete à exploração política à pobreza das periferias e à geração de uma das maiores indústrias de sequestros do mundo. Que por sua vez, gera uma das mais renomadas áreas da cirurgia plástica, a reconstituição de orelhas. Uma parte do corpo humano comumente alvo da violência dos sequestradores, quando estes fazem pedidos de resgate junto aos familiares das vítimas: eles enviam uma orelha como prova do sequestro.

Assim, tudo se torna muito simples e compreensível nas argumentações do filme de Kohn, como um efeito de causa e consequência. Não existe nenhum tipo de questionamento e reflexão sociológica, antropológica ou filosófica sobre a situação brasileira, mas sim um raciocínio pragmático e cartesiano como nos filmes hollywoodianos.



A pedido do diretor, crianças brincam de sequestrar e cortar orelhas no bairro de Jaderlândia, Belém

Atirando para todos os lados

Kohn entrevistou uma série de personagens da sociedade brasileira: um executivo de São Paulo, usando pseudônimo e completamente disfarçado, que admite ter colocado dois chips rastreadores de duas companhias de seguro diferentes em seu corpo e ter gasto na blindagem de seu carro de esporte de alto luxo um terço do valor do mesmo; um sequestrador da periferia paulistana que admite ter sequestrado, mutilado e matado um sem número de pessoas e que se responsabiliza pela segurança e bem-estar dos moradores

da favela; um cirurgião plástico ao lado de sua piscina; uma carioca que conta os horrores de seu sequestro e a reconstrução de sua orelha; um criador de rãs; um policial da equipe antissequestro; o advogado geral da República e, ainda Jader Barbalho que fala de sua dedicação ao povo paraense.



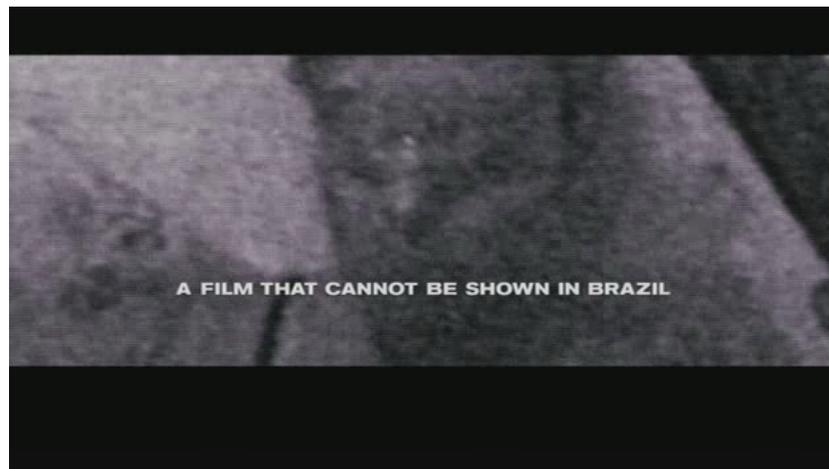
Diniz (proprietário de um ranário) e intérprete para o inglês

Todas as entrevistas têm uma particularidade, a maioria dos entrevistados aparecem sempre ao lado de seus respectivos tradutores (veja foto acima), já que o diretor conduz as entrevistas atrás da câmera em inglês. Esta técnica, segundo o diretor, tem a principal função de evitar as legendas para o público americano, já que ao invés de ouvir apenas em português, eles podem facilmente entender as respostas diretamente traduzidas para o inglês. No entanto, ele substitui em muitos momentos a voz dos entrevistados pela voz dos tradutores o que aumenta ainda mais o distanciamento e *desengajamento* do filme com o assunto tratado.

No filme não faltam ainda imagens contundentes e fortes de revirar o estômago de qualquer mortal, como uma orelha sendo decepada por um sequestrador, vítimas sendo torturadas em cativeiros, rãs engolindo umas às outras, cirurgião reconstruindo uma orelha, num tom sensacionalista e gratuito. E o que é mais impressionante são as crianças pobres nas ruas do

bairro *Jaderlândia* da periferia de Belém, que se divertem imitando sequestradores cortando as orelhas de seus sequestrados. Ironia do destino ou pura coincidência “jornalística” do momento presente? Nada disso, Kohn admite ter pedido às crianças para fazer a mímica da violência: armação pura, já que elas nunca brincaram desta forma. Neste momento surge um impasse para espectador: pode-se exigir ética jornalística ao documentário? Ou, apenas classificá-lo como docu-ficção?

No entanto, o filme ganhou a tutela de um dos mais renomados festivais de filmes independentes dos Estados Unidos, o Sundance, fundado pelo ator Robert Redford: o filme de Khon recebeu o grande prêmio do júri como melhor documentário e melhor fotografia para a cineasta paranaense Heloísa Passos.



A film that cannot be shown in Brazil

No início do filme a primeira imagem é de uma cartela dizendo que o filme não pode ser visto no Brasil. O espectador se prepara para o pior e pode se perguntar: “Que país antidemocrático é este onde a censura ainda persiste?” Nas explicações do diretor, o filme recebeu ameaças de processo na justiça por parte de um dos entrevistados (que o diretor não quer revelar o nome) caso este seja apresentado em solo brasileiro e os produtores não tem

dinheiro para arcar com os custos de uma possível defesa judicial. Alegação impressionante visto a alta qualidade técnica empregada na produção, onde inclusive cada entrevistado tem ao seu dispor um tradutor diferente.

Ao término da projeção do filme, o espectador pode se perguntar: "Afinal quem poderia censurar este filme e com que argumento, já que todas as entrevistas foram concedidas de comum acordo, mesmo a do senador Barbalho, que aliás este não revela absolutamente nada a não ser dos seus benfeitos políticos?" A maioria das imagens e informações sobre os escândalos envolvendo o senador apresentadas no filme de Kohn foram extraídas de jornais e televisões brasileiras: Ou *Manda Bala* é oportunista ou falta com a "ética-social", aquela do tato e do cuidado ao lidar com temas polêmicos e delicados de uma sociedade estrangeira. Aliás, um cuidado que todo documentarista deve ter quando mira sua câmera para uma realidade qualquer.

Vancouver, 08/10/2007
(revisado em 18/10/2019)